

# entrou numa fase crítica”

Honolulu — O presidente do Banco Central dos Estados Unidos (FED), Paul Volcker, disse ontem que a economia do Brasil encontra-se “numa etapa crítica” e que o sucesso de seu programa de ajuste depende da continuidade das mudanças internas e da cooperação dos bancos comerciais transacionais que lhe fazem empréstimos.

Antecipando trechos do discurso que fará na reunião da Associação de Banqueiros Norte-Americanos, Volcker disse que já se notam “alguns sinais de progresso” nos esforços do Brasil destinados a enquadrar sua economia nas condições do Fundo Monetário Internacional (FMI) para suas necessidades de novos empréstimos e de refinanciamento da dívida externa, “especialmente em termos de superávit crescente em seu comércio exterior”.

Depois de dizer que “já se elaborou um programa financeiro complementar, que precisa agora receber rápido endosso de centenas de bancos comerciais e dos respectivos governos”, o presidente do Banco Central acrescentou: “A exemplo do que ocorre em outros casos, aqui está envolvida a questão de novos créditos, embora os montantes que os bancos comerciais são solicitados a fornecer durante 1983 e 1984 como um todo sejam apenas a metade da taxa de aumento dos anos anteriores”.

A comissão de 14 bancos participantes das negociações do caso brasileiro que se reuniu no mês passado com o FMI concordou com o programa de refinanciamento de 11,5 bilhões de dólares.

A “Comissão Coordenadora” ampliada de 40 bancos reuniu-se novamente na semana passada em Washington com o presidente do Banco Central do Brasil, Affonso Celso Pastore. Membros da comissão devem acompanhar Celso Pastore à reunião da Associação de Banqueiros Norte-Americanos e a seis cidades de outros países, propondo o novo programa de refinanciamento aos 800 bancos credores do Brasil.

Volcker disse aos banqueiros que os ajustes econômicos e o refinanciamento do programa “serão dependentes entre si”. Acrescentou que “os dois aspectos encontram-se

agora numa fase crítica. A exemplo de outros casos, trata-se de uma combinação de ajustes efetivos e de apoio financeiro adequado, compartilhados equanimemente entre os credores que se prontificam a fornecer os melhores meio disponíveis para garantir a credibilidade do tomador dos empréstimos e proteger os interesses dos credores”.

O presidente do FED advertiu que o problema da dívida internacional provavelmente durará anos e o sistema financeiro mundial ficará em perigo, se os bancos menores fracassarem em cooperar na obtenção de soluções.

“É melhor colocarmos de lado qualquer sentido de complacência de que o problema acabou, ou de que podemos deixá-lo para outros solucionar. É melhor enfrentarmos o fato de que o sucesso será medido em anos, não meses. E é melhor reconhecermos que os riscos são altos demais para falharmos”, declarou Volcker.

Disse que, no último ano, desde a eclosão da crise da dívida externa do México, as atitudes entre os banqueiros “pareciam oscilar entre o temor e a complacência”. Após uma demonstração inicial de forte cooperação, “a magnitude do esforço levou a um sentido de saturação, e até mesmo há dúvidas sobre se um esforço desses poderia, ou deveria, ser mantido. Minha resposta é simplesmente que não tem havido, e não há agora, uma opção razoável”.

Em óbvia referência a relutância de muitos banqueiros de menor porte, a endossar os acordos arranjados por seus colegas de nível mais elevado, para conceder às nações devedoras mais dinheiro e mais tempo para saldar suas dívidas, o presidente da FED advertiu que “ninguém será capaz de escapar se o sistema financeiro internacional ruir”.

“É uma ilusão acreditar que qualquer um de nós — gerentes de bancos maiores ou menores, tomadores de empréstimo domésticos ou cidadãos em geral — escaparia ileso no tipo de meio-ambiente financeiro decorrente de um rompimento dos fluxos de crédito internacionais”, declarou.

“Economia brasileira”